

Dezessete anos depois, recordando este momento, Vietri comentaria:

“Era óbvio, não é? E eles discordaram, disseram que o vídeo tape só iria melhorar, só viria aprimorar... A meu ver, não melhorou, não aprimorou nada..., pelo contrário, ... nós regredimos, e muito, em termos de arte, em termos de interpretação... Na época, era preciso uma Laura Cardoso para fazer um teatro de duas horas ao vivo. Hoje, qualquer Joana da Silva que consiga dizer bom-dia é uma estrela... A meu ver, o vídeo tape foi para a televisão brasileira um grande mal irreparável. (...) Achei pavoroso aquele invento maldito.” (45)

Para comemorar-se a chegada do novo equipamento, decidiu-se pela realização de um grande espetáculo que seria todo gravado em vídeo tape e transmitido depois no TV de Vanguarda. Numa ocasião tão especial, só um texto também especial de um autor mais especial ainda serviria e assim optou-se, uma vez mais, por Shakespeare e seu universalmente inesgotável Hamlet. Como a primeira versão fora realizada por Dionísio Azevedo, ninguém melhor do que ele, dentro do quadro de produtores da emissora, para realizar a nova encenação. Desta forma, sete anos depois da montagem pioneira, iniciava-se a aventura da segunda das três encenações que aquela tragédia clássica teria na TV Tupi. E a peça, que nos idos de 53 fora transmitida ao vivo, num espetáculo de aproximadamente três horas, levou, para ser gravada, mais de vinte e quatro horas.

Esta segunda versão de Hamlet foi “uma das mais ousadas e ricas montagens” realizadas num programa de televisão daqueles anos; só em madeira para cenários gastou-se cerca de seiscentos mil cruzeiros. (46) (Foto 22)

O público telespectador que, dias após, assistiu à transmissão em tape da famosa tragédia, não podia imaginar o que acontecera por detrás das câmeras.

Dionísio Azevedo convidou Lima Duarte para viver uma vez mais o angustiado Príncipe da Dinamarca, mas o artista, lembrando-se das dificuldades e lutas que travara para entender o personagem, não aceitou o papel, dizendo que estava “muito velho” pois “Hamlet é o drama de um adolescente de dezessete anos”. (47)

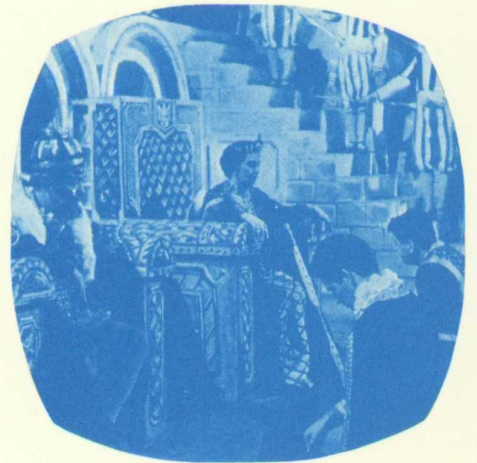
E assim o papel-título foi parar nas mãos de Luiz Gustavo, enquanto Lima Duarte, conforme seu desejo, interpretou Horácio. Os demais personagens principais foram vividos por Fernando Balleroni (Rei Cláudio), Laura Cardoso (Rainha Gertrudes) e Maria Helena Dias (Ofélia).

As dificuldades do texto shakespeariano, a constante correção de erros e falhas interrompendo a todo instante o trabalho, o sistema de gravarem-se as cenas isoladamente, para serem posteriormente montadas e a busca da perfeição que, em razão das possibilidades oferecidas pelo vídeo tape, era esperada, atrasaram o andamento da gravação. Além disso, o número excessivo de personagens e extras exigidos pela obra, mesmo quando encontravam-se fora de cena, deslocando-se por detrás dos cenários, perdendo-se pelos cantos, locomovendo-se entre as câmeras ou saindo do estúdio para aguardarem sua vez, dificultava ainda mais o controle total do trabalho. A tarefa de reunir os que iriam participar da próxima tomada demandava grande esforço e, sobretudo, paciência. Após horas seguidas de trabalho ininterrupto, Dionísio Azevedo, segundo ele mesmo conta, exasperado com o atraso, terminou por fechar todo o elenco no estúdio, proibindo-lhes definitivamente a saída. Inúmeros incidentes pitorescos ocorreram então entre as paredes do estúdio, em meio à confusão de sets reconstituindo a esplanada e os interiores do Castelo de Elsinor, bem como o cemitério onde Hamlet diz um de seus mais conhecidos monólogos. Conta Fernando Balleroni:

“...entramos (no estúdio) sábado à noite, ficamos a madrugada toda de sábado, domingo inteirinho, e terminamos numa segunda-feira de manhã. Muito extra no estúdio, muito barulho, muita gente, muito complicado (...) E aconteceram coisas maravilhosas, engraçadas (...). Colocamos dentro de um túmulo, umas garrafas de pinga, porque não era possível agüentar tantas horas sem beber coisa alguma. Eu sei dizer que, no fim tinha coveiro bêbado, defunto que levantava... (...) que foi uma maravilha! (Houve um momento) em que Dionísio perdeu a paciência e falou: ‘Quem se mexer, eu mato!’ Um extra, que estava subindo a escada, ficou com um pé no degrau e um pé no ar para não fazer barulho, pois era tudo cheio de armadura, bastava (...) se mexer um pouco (e) era um barulho de lata velha que não acabava mais...” (48)

Outra montagem que marcou época nessa fase inicial do vídeo tape entre nós foi O Duelo, baseado no conto de mesmo nome de Guimarães Rosa, primeiro teleteatro que Walter George Durst realizou em VT para o TV de Vanguarda.

A gravação de O Duelo realizou-se no próprio domingo em que deveria ir para o ar. Atores e técnicos, conforme narra Durst, chegaram ao estúdio cerca de 9 horas da manhã e ensaiaram até as 2 horas da tarde, quando se iniciou a gravação. Mas, por um erro de cálculo de Durst em relação à duração da peça, quando a gravação estava quase se aproximando do término, faltando apenas a cena decisiva do duelo, a fita de VT acabou e, como não fora solicitada outra, não havia como se gravar o restante do espetáculo. A solução encontrada foi a de emendar-se o fim da fita de vídeo tape com a representação da cena final ao vivo. Dessa histórica gravação e transmissão, participaram Lima Duarte, Henrique Martins e Lolita Rodrigues. (49)



(Foto 22) Fernando Balleroni, Laura Cardoso, Cláudio Marzo e Régis Cardoso em Hamlet (1960).

TV de Vanguarda – TV Tupi – São Paulo
Foto/Arquivo de Fernando Balleroni e Laura Cardoso

- (45) Depoimento de Geraldo Vietri ao IDART, São Paulo, 12 de novembro de 1977.
- (46) Diário de São Paulo, 24 de setembro de 1960.
- (47) Depoimento de Lima Duarte ao IDART, São Paulo, 29 de outubro de 1976.
- (48) Depoimento de Fernando Balleroni ao IDART, São Paulo, 25 de agosto de 1977.
- (49) Depoimento de Walter George Durst ao IDART, São Paulo, novembro de 1976.